

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Mayara de Freitas Portilho

PROPAGANDA E GUERRA DURANTE O ESTADO NOVO:
O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Rio de Janeiro
2012

Mayara de Freitas Portilho

PROPAGANDA E GUERRA DURANTE O ESTADO NOVO:
O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: José Roberto Franco Reis

Rio de Janeiro

2012

Mayara de Freitas Portilho

PROPAGANDA E GUERRA DURANTE O ESTADO NOVO:

O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: José Roberto Franco Reis

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

(Doutor José Roberto Franco Reis - FIOCRUZ)

(Doutorando José Victor Regadas Luiz - FIOCRUZ)

(Doutora Muza Clara Chaves Velasques - FIOCRUZ)

AGRADECIMENTOS

Prestarei meus agradecimentos à minha família, sobretudo aos meus avós, aos meus pais, aos meus tios, a minha irmã e a minha prima pelo carinho e pela paciência de ficarem lendo tudo o que fora produzido e darem suas opiniões. Ao meu orientador, José Roberto, agradeço pela

prestatividade. A todos os meus amigos que se mostraram presentes, uns há mais tempo que outros, gostaria de agradecer pelo apoio e interesse.

"Na paz, prepara-te para a guerra. Na guerra, prepara-te para a paz."

(Sun Tzu)

RESUMO

A presente pesquisa tratará do ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, enfatizando o papel das propagandas veiculadas sobretudo pela mídia impressa, quanto aos apelos e efeitos causados sobre a população brasileira da época. A partir disso, serão analisados os contextos político e econômico do período e os fatores que colaboraram para conjuntura dos mesmos, tanto no plano internacional, quanto no plano nacional. Inicialmente, será analisado o contexto político-

econômico do mundo e do Brasil antes da Segunda Guerra, onde abordar-se-ão a Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929 e as relações político-econômicas estabelecidas entre Brasil-Alemanha e Brasil-Estados Unidos. Posteriormente, será tratada a constituição da Política da Boa Vizinhança entre os EUA e os países da América Latina, com ênfase na relação com o Brasil, a penetração cultural norte-americana em território nacional, a instalação das bases americanas no Nordeste, o afundamento das embarcações brasileiras, o ingresso do Brasil e a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional. Por fim, abordar-se-à o papel das mensagens veiculadas pela mídia impressa, sobretudo. Ao final de toda análise, conclui-se que as mensagens transmitidas pela mídia impressa foram importantes para que a população se informasse e adotasse uma postura quanto aos fatos. A mobilização da população levou ao ingresso do país no confronto junto aos Aliados, que em troca, financiaram a construção da CSN. Além disso, o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi decisivo para o início de um regime democrático.

Palavras Chave: Estado Novo, Brasil, Propaganda, Segunda Guerra Mundial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O Brasil injuriado pelos alemães.....	29
Figura 2: Como o Rio auxilia os Aliados.....	31
Figura 3: Torpedeado um navio brasileiro.....	33
Figura 4: O Brasil em guerra.....	34
Figura 5: O Brasil precisa de 20.000 enfermeiras.....	35

LISTA DE SIGLAS

CSN: Companhia Siderúrgica Nacional

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

EUA: Estados Unidos

FEB: Força Expedicionária Brasileira

URSS: União Soviética

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	10
1.1 – JUSTIFICATIVA.....	11
1.2 – OBJETIVOS.....	11
1.2.1 - Objetivo Geral.....	11
1.2.2 - Objetivos Específicos.....	12
1.3 – METODOLOGIA.....	12
2 - RELAÇÕES ECONÔMICAS DO BRASIL DECÁDA DE 1930.....	13
2.1 - A Primeira Guerra Mundial e a destruição da Europa.....	13
2.2 - Reconstrução da Europa com o auxílio dos Estados Unidos e a Crise de 1929.....	13

2.3 - Relações econômicas e político-ideológicas entre Alemanha e Brasil.....	14
2.4 - Relações econômicas e político-ideológicas entre Brasil e Estados Unidos.....	16
3 - POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA E INGRESSO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	19
3.1 - A Política da Boa Vizinhaça e a penetração cultural e ideológica norte-americana.....	19
3.2 - A instalação de bases aéreas e navais no nordeste do Brasil.....	21
3.3 - Afundamento dos navios brasileiros e o posicionamento definitivo junto aos Aliados.....	21
3.4 - O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	23
3.5 - Companhia Siderúrgia Nacional.....	25
4 - A INFLUÊNCIA DA PROPAGANDA NA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	27
4.1 - A veiculação da propaganda no Estado Novo e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).....	27
4.2 - A propaganda de incentivo ao Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	28
4.2.1 - Reportagem que se manifestava contra a Alemanha.....	29
4.2.2 - Auxílio aos Aliados através da Política da Boa Vizinhaça.....	31
4.2.3 - Ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial.....	33
5 – CONCLUSÕES.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1 - INTRODUÇÃO:

A Segunda Guerra Mundial, certamente, foi o acontecimento mais importante do século XX, pois diversos países envolveram-se no conflito ainda que alguns participassem nominalmente. “A segunda metade do século XX certamente foi vivida sob o signo da Segunda Guerra Mundial”(CYTRYNOWIZ, 2000). A guerra que se iniciou em setembro de 1939, foi consequência da crise econômica de 1929 que abalou a conjuntura político-ideológica da época. O colapso da economia capitalista propiciou a intervenção direta do Estado no âmbito econômico, por conseguinte sua intervenção no âmbito político. Tal fato favoreceu a ascensão de regimes totalitários e/ou autoritários.

Tendo em vista as proporções mundiais tomadas pelo conflito essencialmente europeu, essa pesquisa pretende analisar a influência das propagandas disseminadas no Brasil durante a Segunda

Guerra Mundial, tendo como nortes os contextos político e econômico do país, os motivos que o levaram a ingressar no confronto, assim como a influência das mensagens transmitidas à população com o objetivo de apoiar a posição assumida pelo governo brasileiro. Vale lembrar que, o contexto político brasileiro desse período remetia ao Estado Novo (1937-1945). O mesmo consistia num golpe de Estado, em que o então presidente da república, Getúlio Vargas, outorgara a Constituição vigente e instaurou uma nova, que ficara conhecida por “Polaca”. Tal denominação se deu por conta da semelhança que se tinha com os regimes fascistas europeus.

Durante o Estado Novo, visava-se impulsionar o crescimento da economia nacional e isso se daria com o estímulo a industrialização, tendo como ícone a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Tal companhia foi responsável pela modernização da economia, pois configurava uma indústria de base, já que o aço por ela produzido impulsionou outros setores de produção, assim como, outros setores econômicos. A CSN foi instalada no Brasil com capital estrangeiro: o dólar americano. Os Estados Unidos emprestaram capital financeiro para o Brasil, como uma forma de assegurá-lo como um aliado na Segunda Guerra Mundial, já que o aço era crucial para a produção de bens maquinofaturados, dentre os quais se encontram os armamentos bélicos.

"Para um regime que pretendia constituir um Estado novo, a guerra - que poderia mobilizar a população e uni-la em torno das Forças Armadas e de ideais cívicos nacionalistas - era o momento oportuno para tornar todos os soldados a serviço da pátria, tendo como ideais escoteiros e enfermeiras" (CYTRYNOWICZ, 2000, p.19).

A partir dos fatores políticos e econômicos expostos acima, foram criadas propagandas de incentivo a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, como por exemplo, as propagandas que incentivavam o ingresso das mulheres como enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (FEB).

1.1 - JUSTIFICATIVA :

No que concerne a Segunda Guerra Mundial, muitos estudos dirigidos a esse tema estão voltados para a análise das transformações trazidas pela guerra dentro do cenário europeu, o esforço de guerra dos países da América Latina, por exemplo, é pouco conhecido e estudado. São abordadas, em sua maioria, as mudanças ocorridas na Alemanha e nos Estados Unidos, já que ambas constituíam as potências beligerantes da época. Certamente a análise voltada aos países do Eixo e aos Aliados são cruciais, mas não se pode desconsiderar a participação dos demais países envolvidos de alguma forma na guerra.

Portanto, se utilizará como pano de fundo o cenário brasileiro durante o conflito. Pretende-se analisar a influência das propagandas disseminadas no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, tendo como nortes os contextos político e econômico do país, os motivos que o levaram a ingressar

no confronto, assim como a influência das mensagens transmitidas à população com o objetivo de apoiar a posição assumida pelo governo brasileiro.

"No Brasil, a história da guerra resume-se, quase sempre, à diplomacia externa do país naquele período, ao "jogo duplo" de Getúlio Vargas, e a uma referência breve à participação militar da FEB nos campos de batalha, mais como desencadeadores do encerramento do primeiro governo de Getúlio Vargas após o término de conflito" (CYTRYNOWICZ, 2000, p.18).

Desde muito cedo, havia despertado o interesse pelos materiais que em seu conteúdo abordavam a Segunda Guerra Mundial, e não obstante, o interesse pela área das ciências humanas. "O lugar da Segunda Guerra Mundial na história e na memória coletiva da população de São Paulo, e do Brasil, tem sido, no entanto, marcada muito mais pela ausência do que por uma presença efetiva". (CYTRYNOWICZ, 2000). Como forma de tentar colaborar com o processo de construção da história do Brasil, decidi abordar o que gosto de estudar dentro do plano nacional, uma vez que, ainda para muitos brasileiros a participação do país no conflito é considerada mínima e não se tem noção de quantas vítimas conterrâneas foram feitas, por exemplo.

1.2 - OBJETIVOS:

1.2.1 - Objetivo Geral:

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, particularmente os efeitos causados no cotidiano da população civil, bem como as estratégias governamentais voltadas à adesão da população à sua posição diante do conflito, enfatizando as propagandas veiculadas, principalmente, pela mídia impressa.

1.2.2 - Objetivos Específicos:

- Expor os motivos que levaram ao ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial;
- Analisar as mensagens transmitidas pelas propagandas e/ou reportagens quanto a entrada do Brasil na guerra;
- Compreender os efeitos na população brasileira causados pelas mensagens veiculadas pela mídia varguista em favor da entrada do Brasil na guerra.

1.3 METODOLOGIA:

Essencialmente, será abordada a influência das propagandas da época acerca do ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A metodologia empregada se valerá da leitura de livros, artigos e da Revista Diretrizes do ano de 1942, que se debruçaram sobre o período histórico em questão e que abordaram os temas relacionados a essa pesquisa. A presente pesquisa se dividirá em três

capítulos, onde serão abordados os seguintes aspectos: as relações econômicas do Brasil na década de 1930 (período Pré-Segunda Guerra Mundial), a Política da Boa Vizinhança e o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a influência da propaganda na participação do Brasil no confronto.

2 - RELAÇÕES ECONÔMICAS DO BRASIL NA DÉCADA DE 1930 (período Pré-Segunda Guerra Mundial):

Este capítulo abordará as relações econômicas do Brasil na década de 1930, período precedente à Segunda Guerra Mundial. A contemplação da análise desta primeira parte da presente pesquisa, se dará de forma dedutiva, ou seja, será realizada a análise geral, de modo que se possa chegar à análise particular. Uma vez que, partir-se-á do contexto econômico internacional da época a fim de atingir o contexto econômico brasileiro. Serão feitas sínteses das variáveis que configuraram o período, tais como a Primeira Guerra Mundial e a destruição da Europa em virtude do conflito, a reconstrução europeia auxiliada financeira e comercialmente pelos Estados Unidos, a abertura da economia dos EUA, a Crise de 1929, a projeção dos regimes autoritários com ênfase no regime vigente na Alemanha, e por fim as relações econômicas e político-ideológicas entre Brasil-Alemanha e Brasil-EUA.

2.1 - A Primeira Guerra Mundial e a destruição da Europa:

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, por conta da Revolução Industrial o mundo sofria um processo de desenvolvimento econômico e tecnológico. As nações mais abastadas

economicamente, por conseguinte mais desenvolvidas tecnologicamente visavam ganhar e/ou aumentar sua influência sobre as nações subdesenvolvidas, já que estas configuravam-se em mercado consumidor para a produção excedente e em fonte de matérias-primas essenciais para a manutenção do setor industrial. Com as conquistas territoriais chegaram as preocupações, pois cada potência queria proteger o que havia adquirido. Dentro desse contexto iniciou-se uma corrida armamentista, onde cada país investia intensamente na produção bélica.

Vale lembrar que, durante esse período a ideologia nacionalista era crescente e propiciava a criação de um sentimento de superioridade entre os Estados, abalando a relação entre os mesmos. Outro fator importante foi o estabelecimento de alianças entre os blocos formados por potências europeias. Tais blocos entraram em conflito e por volta de 1914 a Primeira Grande Guerra eclodiu. Não obstante ao que ocorre em tempos de guerra, o continente europeu teve suas estruturas políticas, sociais e econômicas arruinadas.

2.2 - Reconstrução da Europa com o auxílio dos Estados Unidos e a Crise de 1929:

A Primeira Guerra Mundial abalou a estrutura europeia em vários aspectos, dentre os quais se encontram as estruturas políticas, sociais e econômicas. Contudo viram nos Estados Unidos um parceiro em seu processo de reconstrução, já que lhes emprestavam dinheiro, o dólar americano, para que adquirissem os bens maquinofaturados produzidos pelos próprios estadunidenses. Com o estreitamento das relações entre EUA-Europa, a economia americana que antes vivia isolada passou por um processo de abertura. "Entretanto, a partir de 1925-1926 o mercado externo começou a restringir-se, pois a Europa, em fase final de reconstrução, retomou sua posição e passou a comprar menos dos Estados Unidos" (KOSHIBA, 2000).

No que diz respeito ao plano econômico interno dos EUA, os crediários e empréstimos cresciam cada vez mais, assim como o endividamento da população. Ainda que a situação econômica norte-americana, tanto interna como externamente não fosse favorável, a produção seguia em larga escala. Conseqüentemente, os produtos ficaram estocados, tendo em vista às condições financeiras populacionais. Além disso, determinadas empresas possuíam ações na bolsa de valores de Nova York e muitos americanos nela haviam investido, por conta do lucro fácil e rápido. Em 1929, diante da desestabilização da economia esse quadro sofreu alterações, pois as empresas foram desvalorizadas. Os investidores buscaram vender suas ações, que rapidamente entram em baixa. Como resultado disso, houve falências e desempregos.

Tal colapso conhecido como "Grande Depressão" ou "Crise de 1929" refletiu-se no mundo e afetou os demais países, por conta da abertura econômica dos EUA. "O liberalismo então entrou em baixa, e a sua superação da crise só foi possível graças ao abandono das práticas liberais e à adoção

do dirigismo econômico, isto é à crescente intervenção do Estado na economia" (KOSHIBA, 2000). A intervenção mais intensa do Estado na economia, insuflou a vigência de regimes autoritários, como por exemplo, os regimes nazi-fascistas concentrados na Europa.

2.3 - Relações econômicas e político-ideológicas entre Alemanha e Brasil:

"A crise de 1929 possibilitara àquele excêntrico movimento político de extrema-direita sair dos guetos e alçar vôo, apresentando-se como solução nacional para a terrível depressão vivida no país. Podemos dizer que a Alemanha nazista é "filha", em linha direta, da Grande Depressão" (ALVES, 2002). Como foi citado ao longo do texto, a crise favoreceu a intensificação de ideologias nacionalistas e regimes autoritários. Esses almejavam alcançar a autossuficiência econômica, ou seja, não dependeriam do apoio externo, e um bom exemplo disso é a Alemanha. Porém, o país necessitava escoar os produtos excedentes, sobretudo de uma fonte de matérias-primas. "Isso acontecia num momento em que a França e Reino Unido apertavam seus controles sobre suas colônias e protetorados, e praticamente impediam estas de negociar com qualquer parceiro de fora da órbita imperial" (ALVES, 2002). A partir disso, a Alemanha vê na América Latina, com destaque para o Brasil, a possibilidade de concretizar seus principais objetivos.

Dentro do contexto supracitado, a Alemanha nazista ganhava grande projeção na década de 1930, sobretudo na América do Sul. A presença alemã no continente se deu por movimentos econômicos e políticos-ideológicos. O primeiro movimento se configurava no comércio de compensação. Nessa modalidade havia a troca de produtos por produtos e não se fazia necessário o uso de moedas fortes, como o dólar americano e a libra esterlina, escassos tanto na Alemanha como na América Latina. O comércio de compensação tinha suas consequências, como a imposição alemã de preços e cotas e a dependência, por exemplo: o Brasil exportava matéria-prima e a Alemanha vendia seus produtos manufaturados, ganhando mais pelo valor distinto da mercadoria, por conseguinte, obtendo maior lucro. Entretanto, essa era uma maneira de escoar excedentes que não entrariam no mercado de outra forma.

Já o segundo movimento se apresenta da seguinte maneira:

Outra dimensão da presença germânica era influência político-ideológica. Além de jogar com afinidades entre movimentos e partidos políticos latino-americanos, a propaganda germânica mobilizava uma bateria de agências oficiais e informais - embaixadas, consulados, empresas comerciais, linhas aéreas, agências distribuidoras de notícias, emanados do nacional-socialismo. Ao mesmo tempo, militantes procuravam aglutinar os alemães aqui residentes e seus descendentes em núcleos do partido nazista. (MOURA, 1991, p.4)

A principal atividade econômica do Brasil, durante o período, era voltada para a agricultura. A expressividade industrial brasileira não era intensa e estava direcionada para produtos de bens de

consumo e abastecimento do mercado interno. O país deveria livrar-se da monocultura cafeeira e desenvolver outros setores da economia. Porém, era carente de insumos fundamentais à indústria, tais como: petróleo, maquinário e carvão mineral. Além de afetar diretamente a economia, a ausência de uma indústria de base forte afetava às Forças Armadas, uma vez que, não havia como produzir materiais bélicos pesados. "Através do comércio compensado com o Eixo, o Brasil buscava repotencializar suas forças armadas" (ALVES, 2002).

Em 1934, uma comissão alemã veio à América do Sul especificamente para fomentar relações comerciais com os países da região. O Brasil destacou-se como um excelente parceiro. Em fins desse mesmo ano foi acertado um acordo entre os dois países, e a partir de então Brasil e Alemanha travarão pesado comércio, feito na base dos marcos de compensação. No final de 1935, o Brasil substituiria a Argentina como principal parceiro comercial do Reich na América Latina (ALVES, 2002, p.57).

"O setor industrial brasileiro não tinha condições de, sozinho, em virtude de seu acanhado desenvolvimento, garantir o avanço do processo de industrialização" (CORSI, 2000). O então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, estava em busca de um acordo que propiciasse ao país a instalação de um complexo siderúrgico e o fornecimento de materiais bélicos para as Forças Armadas. Como vimos, a Alemanha e o Brasil constituíram uma parceria consistente. Essa aliança configurava uma ameaça para os Estados Unidos, que assim como a Alemanha, mantinha relações comerciais com o país, porém suas ideologias eram divergentes. A influência alemã em território brasileiro era considerada perigosa pelos norte-americanos, já que os EUA visavam garantir sua hegemonia em todo o continente americano, sobretudo sua proteção. A seguir serão apresentadas as relações econômicas e político-ideológicas entre o Brasil e os Estados Unidos.

Não se deve esquecer também a influência do pensamento militar alemão na formação dos militares latino-americanos, graças ao envio de missões que desde há muito tempo tinham treinado exércitos e assegurado influência no ensino militar de vários países de continentes. Acrescente-se na década de 30, a pragmática venda de armas, mediante acordos de compensação. A admiração pela eficiência da máquina de guerra alemã era uma constante nos altos círculos militares da América Latina (e do Brasil) (MOURA, 1991, pp. 4-5).

2.4 - As relações econômicas e político-ideológicas entre Brasil e Estados Unidos:

Ao decorrer do texto vimos que, a Crise de 1929 configurou-se em um fator delineador do contexto histórico e econômico do período analisado neste capítulo. Uma vez que, propiciou ascensão de determinados regimes e com isso a transformação e/ou intensificação da conjuntura político-ideológica existente, sobretudo, no continente europeu. Além disso, foi nos Estados Unidos que a Grande Depressão encontrou seu epicentro. Como foi citado anteriormente, tal colapso econômico ocorreu em função da superprodução e da especulação desenfreada na bolsa de valores de Nova York.

A situação na qual se encontrava os EUA, país de cunho liberalista, mostrava a fragilidade de tal regime e refutava a tese de que a economia seria autorregulável, ou seja, a economia se regularia por si própria. O então presidente norte-americano Frankilin Delano Roosevelt, iniciou um plano de recuperação econômica. Tal plano consistia em manter um Estado intervencionista, no qual caberia ao mesmo regularizar o setor privado, estimular o crescimento da economia, por conseguinte o aumento no número de empregos e a redução das desigualdades. Esta estratégia elaborada por Roosevelt ficou conhecida como *New Deal*. Vale lembrar que, não cabia ao *New Deal* a reformulação político-econômica do regime vigente, e sim a salvação do capitalismo. "A meta principal era manter a propriedade e o lucro, e, para isso, tornou-se necessário melhorar o nível dos trabalhadores, a grande maioria da população" (KOSHIBA, 2000).

No que concerne ao Brasil, no ano de 1930, eclodiu a Revolução de 1930 que findou com a Primeira República, onde o país era controlado pelos proprietários rurais. Porém, com ascensão do desenvolvimento urbano-industrial calcado em uma nova ideologia, foi que a dinâmica política brasileira sofreu transformações. A principal atividade econômica nacional era a cafeeira, que foi afetada pela Crise de 1929. Tal fato influenciou na perda de controle dos proprietários rurais, os cafeicultores, assim como sua derrota na Revolução de 30. Esta revolução ocorreu, porque o então presidente da república Washington Luís resolveu acabar com a "Política do Café com Leite", que consistia no revezamento da presidência entre um mineiro e um paulista. De acordo com essa política, o próximo presidente deveria ser mineiro, mas Washington Luís resolveu apoiar o candidato paulista Júlio Prestes.

Afim de se opor ao ocorrido, os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formaram a Aliança Liberal lançando como candidato à presidência o gaúcho Getúlio Vargas e como vice-presidente o paraibano João Pessoa. A Aliança Liberal tinha como principais objetivos pôr fim à corrupção, criar leis que subsidiassem o proletariado e incentivar à industrialização nacional. Esses propósitos levaram ao proletariado, aos empresários e a classe média urbana à apoiar a Aliança. Porém, as eleições foram fraudadas e o candidato eleito foi Júlio Prestes. A derrota política e o assassinato de João Pessoa foram o estopim da Revolução de 1930, que configurou uma guerra civil iniciada no Rio Grande do Sul e expandida para os demais estados. Uma junta militar depôs Júlio Prestes e entregou o cargo a Getúlio Vargas, líder do movimento.

No ano de 1934, Vargas foi reeleito e as próximas eleições presidenciais estavam previstas para o ano 1938. Porém, era planejado um golpe de Estado. Em 1937, inventaram e disseminaram na mídia que os comunistas promoveriam uma guerra civil e assassinariam Getúlio. O golpe foi instaurado e Getúlio Vargas manteve-se no poder de 1937-1945. Tal período ficou conhecido como Estado Novo, que era um regime ditatorial. A Constituição de 1934 foi outorgada e foi instaurada a

Constituição de 1937, que ficou conhecida como "Polaca", pois possuía grande semelhança com o regime fascista europeu, por ser de cunho autoritário. O poder estava concentrado nas mãos do presidente, as greves eram proibidas e os direitos individuais cerceados.

O quadro político do Brasil não era visto com bons olhos pelos Estados Unidos e repercutiu de forma negativa na imprensa norte-americana. A fim de amenizar a situação, o Subsecretário de Estado dos EUA, Summer Welles, convocou uma conferência secreta com os jornalistas, solicitando que não fossem feitas críticas tão veementes à política brasileira. Os norte-americanos assumiram uma postura mais amena em relação ao Estado Novo, pois temiam comprometer suas estratégias na América Latina, sobretudo no Brasil. "Essa boa vizinhança significaria um convívio harmônico e respeitoso entre todos os países do continente. Significaria também uma política generalizada de mercadorias, valores e bens culturais entre os Estados Unidos e o restante da América" (MOURA, 1984). A penetração ideológica e a conquista de mercado, por parte dos EUA no Brasil fez parte de uma estratégia imperialista, que tinha como objetivo alcançar a hegemonia estadunidense nos âmbitos políticos, econômicos e culturais.

(...) os Estados Unidos prosseguiram sua política de fazer "vista grossa" ao comércio protegido que o Brasil empreendia com a Alemanha. Visando objetivos de longo prazo, os norte-americanos suportavam as perdas comerciais provocadas pelo comércio compensado Brasil-Alemanha, com vistas à manutenção das boas relações políticas com o Brasil, pino-mestre para a consagração da hegemonia norte-americana sobre o hemisfério, primeiro e importantíssimo passo para fazer frente ao desafio político-estratégico alemão (ALVES, 2002, p.69).

O Brasil mantinha relações político-ideológicas com a Alemanha e com os Estados Unidos e não assumia uma posição definitiva ao lado de nenhum destes dois Estados, configurando uma posição política ambígua no plano internacional. Como vimos acima, o país estava buscando a dinamização da economia, e para isso necessitava de um complexo industrial, porém não havia capital nacional para sua construção. O país era importante tanto no plano alemão, como no plano norte-americano, embora os objetivos de ambos fossem diferentes e suas ideologias divergentes. Getúlio Vargas negociava com Alemanha e EUA a fim de que um deles cedesse às suas reivindicações e ajudasse a implantar uma siderúrgica brasileira e fornecesse materiais bélicos às forças armadas. Esta estratégia ficou conhecida como "Política de Barganhas".

Embora sem grande importância no sistema internacional, o Brasil era um parceiro econômico interessante e um possível aliado político das potências; essas duas características - às quais as potências concorrentes atribuem pesos diversos - definem, naquele momento, a posição brasileira no sistema internacional. Embora não constituísse uma peça vital, o país apresentava certo grau de importância para as potências (MOURA, 1984, p.23).

3 - POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA E INGRESSO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

Este capítulo abordará a Política da Boa Vizinhança desenvolvida entre Brasil e Estados Unidos, o posicionamento definitivo do Brasil junto aos Aliados e o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Serão analisados fatores que influenciaram na conjuntura do processo, tais como: a penetração cultural e ideológica norte-americana em território brasileiro, a instalação das bases aéreas e navais na região nordeste, o afundamento de navios brasileiros pelos alemães, o ingresso do Brasil no confronto, por conseguinte o envio de tropas para Itália e a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

3.1 - A Política da Boa Vizinhança e a penetração cultural e ideológica norte-americana:

No esforço de conquista de alianças para a guerra, os Estados Unidos intensificaram sua política de "boa vizinhança". Seus fundamentos eram o intercâmbio econômico, político e cultural entre os Estados Unidos e seus vizinhos latino-americanos, a defesa da autodeterminação dos povos e a constituição de uma política conjunta entre os países do continente (FERRAZ, 2005, pp. 28-29).

Acima temos a definição da Política de Boa Vizinhança exercida pelos Estados Unidos na América Latina. Sobretudo, esta política configurava uma estratégia de afastamento das influências europeias do continente latino, uma vez que, alguns países tinham forte simpatia pelo regime fascista vigente na Europa, como o Brasil. A região sul do país era uma área habitada, principalmente, por imigrantes alemães, italianos e/ou seus descendentes. Os mesmos chegaram ao Brasil no início do século XX, a fim de substituir a mão-de-obra escrava que caíra em desuso por conta da abolição, e desde então permaneceram. Ainda que Getúlio Vargas fosse simpático a Alemanha, havia conflitos ideológicos com o regime vigente: o Estado Novo, uma vez que, o mesmo estava calcado em uma ideologia de cunho nacionalista.

Concomitantemente à vigência do governo brasileiro, os imigrantes europeus e/ou seus

decendentes organizavam manifestações culturais e até mesmo um núcleo do partido nazista. A falta de identificação com o sentimento nacional por parte dos alemães tornou-se um impecílio, por conta disso, as manifestações culturais passaram a ser cerceadas e estrangeiros impedidos de participar de atividades políticas. A lógica imperialista alemã visava expandir suas políticas, onde houvesse colônias germânicas. Isto poderia comprometer a unidade territorial do Brasil e era algo que o Estado Novo evitava. Apesar deste quadro, as atividades comerciais Brasil-Alemanha não foram comprometidas. Tal fato se daria apenas em 1939, como consequência da guerra. Esta situação era favorável para os Estados Unidos.

A Política da Boa Vizinhança foi precedida por outra estratégia de aproximação com os países da América Latina, e tal estratégia era conhecida por "*Big Stick*", em português significa "Grande Porrete". Isto será explicitado na citação abaixo:

Na verdade, essa política é anterior à guerra. Até o final da década de 20, a política norte-americana para seus vizinhos ao sul consistia no "*Big Stick*" ("grande porrete"). Em poucas palavras, significava o uso da intervenção armada como *ultima ratio* para a resolução de problemas. A nova postura diplomática visava pôr fim às intervenções armadas explícitas, através do estímulo ao intercâmbio econômico e da constituição de política hemisférica comum às Américas (FERRAZ, 2005, p.29).

Tal política desenvolvida pelos estadunidenses não significou apenas relações de trocas comerciais, mas também trocas de valores culturais, portanto era crucial a disseminação dos costumes norte-americanos, sobretudo no Brasil, mais conhecido como "*American Way of Life*", que consiste na modalidade comportamental praticada pelos habitantes dos Estados Unidos. A aproximação cultural entre Brasil-EUA se deu mais fortemente na década de 1940, por conseguinte a penetração dos costumes em território nacional e sua adaptação por parte da população, seja na alimentação, na linguagem, na música ou nas formas de entretenimento. Um bom exemplo disto, foi a substituição do apertar de orelha para dizer que está tudo bem pela expressão "*OK*". Assim como, a implantação da primeira fábrica da Coca-Cola na América Latina, na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada *coca-cola*. Começaram também a trocar os sorvetes feitos em pequenas sorveterias por um sucedâneo industrial chamado *kibon*, produzido por uma companhia que se deslocara às pressas da Ásia, por efeito da guerra. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada *chiclets* e começaram a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua falada e escrita. Passaram a ouvir o *fox trot*, o *jazz*, o *boogie-woogie* entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (Pan American), deixando para trás os "aeroplanos" da Lati e Condor (MOURA, 1984, pp.8-9).

A penetração ideológica e a conquista de mercado americana, no Brasil, fez parte de uma estratégia imperialista, ou seja, visava garantir a hegemonia estadunidense nos âmbitos ideológico,

político, econômico e cultural. Tal lógica afirmava que o intercâmbio Brasil-EUA ocorreria por meio de via de mão-dupla, nesse caso, a penetração cultural por parte do Brasil deveria ocorrer em território americano. Porém, tal medida se deu por via de mão única, uma vez que, havia a massificação da cultura americana no Brasil, mas o contrário não acontecia.

3.2 - A instalação de bases aéreas e navais no nordeste do Brasil:

Como foi citado ao decorrer do texto, a Política da Boa Vizinhança propiciou a penetração político-ideológica dos Estados Unidos no Brasil, e com isso houve a troca de valores culturais. A região nordeste foi a região que sofreu mais intensamente a influência dos valores norte-americanos, por conta das bases aéreas e navais que foram instaladas em Natal, no estado do Rio Grande Norte, uma vez que, esta região configurava um ponto forte geograficamente, já que permitia fazer conexões com o continente africano, por sua vez, com áreas dominadas pela Alemanha. Vale lembrar que, as companhias aéreas que circulavam pelo país, eram concessões alemãs e italianas. Com a aproximação dos EUA, o governo brasileiro passou a criar medidas para estatizar tais companhias. Os Estados Unidos até tinham concessões aéreas no Brasil, mas seu espaço era oprimido pelas concorrentes.

A instalação de bases aéreas e navais tornava-se importante por romper com a supremacia alemã no Atlântico Sul e por permitir posição privilegiada nos combates. "Isso era vital para reverter os reveses aliados na África, preservar suas linhas de suprimento a salvo de ataques do Eixo e, principalmente, manter a guerra longe do continente americano" (FERRAZ, 2005). Pretendia-se enviar militares estadunidenses para operar nas bases, porém Getúlio Vargas se opunha a isto e gostaria que fossem enviados equipamentos novos para equipar as Forças Armadas e que houvesse financiamento, no que concerne a infraestrutura da rede de transportes.

Achava-se que o Brasil não tinha condições de resistir e se defender de uma investida alemã, e ainda assim apostava-se nas negociações diplomáticas para resolver este impasse. Aos poucos o governo brasileiro foi permitindo a entrada e a operação de oficiais norte-americanos nas bases aéreas e navais. Porém, em 1941, com o ataque por parte do Japão a Pearl Harbor, o processo se acelerou e militares norte-americanos desembarcaram em massa, no Brasil. "Na prática, era apenas a consolidação de um fato já criado: desde meados de 1941, as bases brasileiras já serviam de ponto de trânsito de materiais estratégicos (principalmente aviões) e pessoal militar para os Aliados" (FERRAZ, 2005). Desta maneira, a permissão para o estacionamento de tropas dos EUA na região

nordeste do Brasil, configurou o estopim para o ataque alemão aos navios brasileiros.

3.3 - Afundamento dos navios brasileiros e o posicionamento definitivo junto aos Aliados:

A partir de 1942, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e posicionou-se definitivamente junto aos Aliados, em detrimento as relações anteriores Brasil-Alemanha mantidas, a Alemanha tornou-se nação inimiga, portanto o Brasil declarou guerra ao Eixo. Como foi dito anteriormente, o estacionamento de tropas norte-americanas em Natal foi o estopim para o ataque alemão aos navios brasileiros. As embarcações pertencentes a marinha mercante eram os principais alvos, já que portariam materiais que servissem ao esforço de guerra aliado. No ano em questão, doze navios da marinha mercante foram afundados. Vale lembrar que, os ataques não partiram somente dos alemães, por sua vez, os italianos também o fizeram. Os ataques se deram em águas brasileiras e internacionais, os primeiros ocorreram nos Estados Unidos, depois no Caribe e por fim no Brasil. É importante ressaltar que a Argentina e o Chile foram os únicos países da América do Sul, que mantiveram relações com o Eixo. "No entanto, para evitar que um ataque generalizado pudesse colocar toda a América do Sul contra o Eixo, apenas um dos submarinos, o *U-507*, recebeu ordem para atacar" (FERRAZ, 2005).

A primeira embarcação que sofreu uma investida do submarino *U-507* foi o navio *Baependi*, no dia 15 de agosto de 1942. Nesta mesma data foram afundados mais dois navios brasileiros: *Araraquara* e *Aníbal Benévolo*. Como resultado desta ação, morreram 551 pessoas. E não parou por aí, pois nos quatro dias que se seguiram, mais três embarcações foram atacadas: os navios *Itagiba*, *Arará* e *Jacira* totalizando 56 mortos. Exatamente uma semana após ao primeiro ataque do submarino alemão *U-507*, no dia 22 de agosto, foi emitida a declaração do estado de beligerância contra Alemanha e Itália.

O Sr. presidente da República reuniu, hoje, o Ministério, tendo comparecido todos os ministros. Diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras - Alemanha e Itália. Em consequência, expediram-se, por via diplomática, as devidas comunicações àqueles dois países. Examinaram-se, em seguida, diversas providências atinentes à situação, ficando os ministros incumbidos de preparar os atos necessários. Resolveu, ainda, o Sr. presidente da República que o Ministério, daqui por diante, se reúna semanalmente para apresentar outras medidas exigidas pelas circunstâncias (FALCÃO, 1999, p.121).

Os submarinos do Eixo continuavam a investir contra as embarcações brasileiras e aliadas. Como forma de reação aos ataques, as Forças Armadas e as Marinhas de Guerra do Brasil e dos Estados Unidos, organizaram uma junta e afundaram submarinos do Eixo até que o mesmo cessasse o confronto. No que diz respeito, ao submarino precursor dos ataques em águas brasileiras, o *U-507*, teve o mesmo destino, ou seja, foi afundado junto à toda tripulação. Este feito foi realizado por um avião de patrulha dos EUA. Na época, surgiu a ideia de uma conspiração: os norte-americanos

teriam afundado as embarcações brasileiras, como forma de acelerar o ingresso do Brasil no confronto junto aos Aliados. Entretanto, existem documentações alemães que assumem a responsabilidade sobre os ataques. A população queria vingança e o governo achava crucial que se enviasse tropas brasileiras para os campos de batalha. "(...) o presidente norte-americano Roosevelt encontrou-se com Getúlio Vargas em Natal, no Rio Grande do Norte. Depois desse encontro, ficou acertada a participação brasileira diretamente nos combates, em local ainda a ser definido" (FERRAZ, 2005).

3.4 - O ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial:

Como se sabe o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi fruto de uma investida alemã contra as embarcações brasileiras. A população brasileira queria vingança pelas vítimas dos torpedeamentos por parte dos submarinos e o governo reagir as investidas do Eixo, a partir daí, foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB). O processo de criação da FEB ocorreu de forma lenta e gradual, por uma série de questões que serão expostas ao longo do texto. O contingente do Exército Brasileiro era baixo e inexperiente, já que não haviam se envolvido em um confronto de grande dimensão, como a Segunda Guerra. Os equipamentos de militares tais como, criptógrafos e detectores de minas eram desconhecidos das tropas brasileiras. No que diz respeito aos armamentos, estes eram obsoletos e provenientes de vários países, dentre os quais, alguns eram inimigos.

O Brasil não possuía nem mesmo equipamentos e armamentos para proteger suas fronteiras e este fato era de grande importância, pois a Argentina e o Chile não haviam rompido relações com o Eixo e estavam muito próximos daqui. A fim de se preparar, foi enviado um grupo de oficiais ao norte da África e da Itália. Este tinha como objetivo, recolher informações sobre os armamentos utilizados pelos Aliados e pelo Eixo, assim como sobre cenário da guerra. Alguns desses oficiais permaneceram na Itália com a finalidade de repassar ao exército do Brasil as informações recolhidas. Além disso, se mantinham em contato constante com as tropas enviadas pelos Estados Unidos, pois deveriam estudar formas de receber e treinar os expedicionários.

O processo seletivo do Corpo Expedicionário, que mais tarde receberia o nome de Força Expedicionária, foi um tanto quanto delicado. Era importante que se fizesse uma seleção condizente com a seriedade da situação, por isso, critérios como aptidão física e intelectual eram fundamentais. Os militares que estariam próximos ou nesta condição, se encontravam nas bases instaladas em Natal e o governo temia que a convocação destes tornasse o lugar vulnerável à invasão e/ou ataques inimigos, e também ao domínio norte-americano da região. Portanto, foi feita a convocação em escala nacional. O baixo nível das unidades militares brasileiras eram preocupantes. "Embora parecesse prosaica, a exigência de denticão mínima foi uma das responsáveis pelo elevado número

de dispensas" (FERRAZ, 2005).

Foram aplicados aos candidatos testes de cunho físico e psicológico, sendo o primeiro o responsável pelo maior número de dispensas. Além disso, os médicos que realizavam tais testes não eram especializados, e isto levou a uma seleção precária. Alguns médicos acreditavam que os candidatos fingiam doenças e os qualificavam como aptos. Questões pessoais fizeram parte dos critérios de seleção, pois oficiais mandavam seus desafetos para integrar o Corpo Expedicionário. As unidades militares brasileiras já eram deficientes, pois possuíam militares incapacitados para exercer sua função, já que eram dautônicos, epiléticos ou cardíacos, por exemplo. Os fatores ditos acima foram cruciais para a formação e envio de tropas deficitárias.

Não era mais a elite planejada, mas o retrato mais fiel do Brasil: jovens trabalhadores rurais e urbanos, provenientes das classes populares, entremeados com alguns membros da classe média e poucos membros da elite. Sua escolaridade média era baixa, sua compreensão do que era aquela guerra e das razões por que lutar nela era, em geral, mínima. Em contraste, entre os estudantes universitários, que capitaneavam comícios e manifestações para o Brasil entrar na guerra, pouquíssimos realmente alistaram-se para o combate. O número de voluntários foi pequeno: pouco mais de mil homens, em um contingente de 25 mil selecionados (FERRAZ, 2005, pp. 28-49).

A conjuntura social brasileira era refletida no processo de seleção das tropas. Os mais abastados economicamente, ou seja, os integrantes das classes alta e média eram poupados do combate direto, em campo de batalha e recebiam o salário como se estivessem no fazendo. Além disso, os que possuíam maior poder aquisitivo dispensados, enquanto os desfavorecidos economicamente, ou seja, os integrantes das classes mais pobres eram enviados para treinamento de combate. O treinamento concentrava-se no Rio de Janeiro, capital do país na época, porém não era aplicado por pessoal atualizado em relação à guerra enfrentada. Outra questão agravante era a dos armamentos, que ainda não haviam sido fornecidos pelos EUA. A estadia dos militares em treinamento era desconfortável, pois ficavam alojados nos quartéis sem poder sair e junto ao corpo dos militares regulares, ou seja, os que não estavam em treinamento, por conta disso, deserções eram constantes.

Diante do cenário militar nacional, o envio das tropas já era considerado uma conquista. O transporte das tropas foi outra dificuldade, pois não havia embarcações seguras o suficiente para levar as tropas. A solução encontrada foi transportar parte das mesmas em navios norte-americanos. Os suprimentos necessários aos brasileiros, por exemplo, uniformes, alimentos e armamentos eram fundamentalmente fornecidos pelos militares dos Estados Unidos. Ao desembarcarem na Itália, os militares brasileiros, foram confundidos com militares alemães e por isso, não foram bem aceitos inicialmente pela população italiana. Porém, a mesma percebeu que as tropas brasileiras tinham negros como integrantes e logo perceberam o equívoco. As únicas tropas racialmente integradas

eram as nossas, por exemplo, as tropas norte-americanas também eram integradas por negros, entretanto, eles ocupavam posição de subordinados e comandados sempre por oficiais brancos.

O terreno de guerra existente na Itália era, geograficamente, diferente dos demais, já que era uma região montanhosa. A alta tecnologia armamentista não era, por si só, garantia de vitória. Era necessário que estratégias fossem traçadas para vencer o inimigo. Para as tropas brasileiras, combater em solo italiano foi um tanto quanto complexo e arriscado. Vale lembrar que, o Corpo Expedicionário fora criado, justamente, para combater na Segunda Guerra Mundial, logo, os militares enviados nunca antes tinham participado de um conflito desta dimensão, sendo assim não eram experientes.

Morrer ou ferir-se eram possibilidades sempre presentes nas incursões a tais espaços desconhecidos, muitas vezes observados atentamente pelo inimigo. Emboscadas, minas terrestres e pequenas armadilhas escondidas em casas, móveis, objetos e até em cadáveres de soldados preocupavam tanto os soldados quanto a troca direta de tiros e granadas (FERRAZ, 2005, pp.55-56).

Ao fim do conflito, assim como todo país beligerante o Brasil teve sua conjuntura política, social, e econômica modificada. O Estado Novo chegou ao fim, pois houve movimentações a favor da vigência de um regime democrático. A Força Expedicionária Brasileira foi recebida com festas e homenagens e foi no calor das comemorações que promessas foram feitas aos combatentes. Entretanto, nem a sociedade e nem o governo se prepararam para reintegrar os expedicionários, principalmente, os mais jovens, uma vez que, após a guerra as pessoas retornam modificadas. As leis que afirmavam a reintegração profissional não foram cumpridas, pois dispensas ocorriam sob o pretexto da dificuldade de relacionamento o ou inadequação. Os que estavam em fase de formação, partiram e quando voltaram não puderam concluir. Combatentes, em geral, tiveram seus esforços desmerecidos: "(...) e não era raro ao ex-combatente ouvir de populares que o período passado na Itália foi mais um "passeio" que uma guerra de verdade" (FERRAZ, 2005). Restou aos combatentes o esquecimento e somente na Constituição de 1988 fora instituída a lei que dava direito aos mesmos de receber uma pensão. Porém, muitos dos que lutaram naquela época estavam mortos quando foram reconhecidos pelo Estado brasileiro.

3.5 - Companhia Siderúrgica Nacional:

Antes da tomada de poder por Vargas, a economia do país calcava-se nas atividades agrícolas. Com a implantação do Estado Novo, foram se aprofundando mais as relações entre Estado e economia, uma vez que, o intervencionismo foi fortalecido. Existiam usinas siderúrgicas no Brasil, porém, a produção não atendia a demanda. Tinha-se matéria-prima suficiente, tanto que minérios de ferro configuravam o quadro dos produtos brasileiros exportados. Outro fator que comprometia a

instalação do complexo siderúrgico era a escassez de capital, ou seja, o Brasil não tinha como arcar com os gastos sozinho. Logo, se fazia necessário o uso de capital estrangeiro, que viria em forma de empréstimo. Vale lembrar que, em troca do financiamento para a construção da CSN, o Brasil permitiu aos EUA a construção e operação das bases aéreas e navais do nordeste.

O governo estadonovista tinha como um de seus principais objetivos impulsionar o crescimento industrial, por conseguinte a modernização da economia nacional, tendo como ícone a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Tal companhia foi responsável pela modernização da economia, pois configurava uma indústria de base, já que o aço por ela produzido impulsionou outros setores de produção, assim como, outros setores econômicos. A CSN foi instalada no Brasil com capital estrangeiro: o dólar americano. Os Estados Unidos emprestaram capital financeiro para o Brasil construir o complexo siderúrgico, como resultado de sua participação na Segunda Guerra Mundial junto aos Aliados, já que o aço era crucial para a produção de bens maquinofaturados, dentre os quais se encontram os armamentos bélicos.

O acordo obtido por Vargas foi bastante favorável, pois cedia matérias-primas e espaço para bases militares, em troca de equipamento militar, assistência técnica e o financiamento para siderurgia. Esta converteria o Brasil em principal parceiro latino-americano na II Guerra Mundial e criava um precedente para o apoio americano à industrialização de base de um país periférico (PEREIRA apud PONTES, 2008, pp. 231-247).

Neste sentido, podemos verificar que a despeito das necessidades de modernização industrial do país, a usina de Volta Redonda foi fruto de uma negociação política, onde houve as pressões dos Aliados para o Brasil lutar na guerra a seu favor, mas, também da astúcia política de Vargas que, soube barganhar com os EUA, obtendo um resultado favorável para o crescimento nacional e buscando conquistar apoio da população, dos empresários e da classe política. Isto contribuiu para fundamentar os princípios da propaganda do regime estadonovista, conforme veremos no capítulo seguinte.

4 - A INFLUÊNCIA DA PROPAGANDA NA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:

Este capítulo tratará da abordagem da propaganda durante o Estado Novo com ênfase na influência da mesma na participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Serão abordados ao longo do presente capítulo aspectos fundamentais para a produção desta parte da pesquisa, tais como: a veiculação da propaganda durante o Estado Novo e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a abordagem específica da propaganda, ou seja, a forma como era abordada a propaganda de incentivo ao Brasil no conflito, sobretudo as propagandas veiculadas pela mídia impressa. Vale lembrar que, serão apresentadas algumas propagandas e/ou reportagens da época, juntamente as suas respectivas análises. A análise de tal material se valerá da Revista Diretrizes do ano de 1942. As reportagens e/ou propagandas retratarão a aversão à Alemanha, o auxílio aos Aliados através da Política da Boa Vizinhança e o ingresso do Brasil na Segunda Guerra.

4.1 - A veiculação da propaganda no Estado Novo e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP):

“A reprodução das relações de dominação, em uma formação social, se realiza através dos aparelhos ideológicos do Estado” (GARCIA, 1982). Durante o Estado Novo, os meios de comunicação configuraram o instrumento de legitimação do regime, uma vez que, através das propagandas veiculadas buscava-se a unificação dos valores estabelecidos pelo governo. Portanto, a unificação de tais valores propiciava a identificação dos indivíduos, por conseguinte, a aceitação dos mesmos. Sendo assim, havia a consagração das ideias como dominantes. O governo estadonovista foi implantando através de um golpe de estado, ou seja, houve a modificação repentina da conjuntura político-ideológica existente.

Coube a propaganda a difusão dos novos valores estabelecidos, e com isso tornou-se um dos itens que constituíram o aparelho ideológico do Estado. “Para a realização da propaganda, montou-se um sistema de controle em que o Estado monopolizava todos os meios de produção e difusão de ideias” (GARCIA, 1892). Dessa forma, constituía-se a censura, ou seja, o poder público analisava as publicações e consentia ou não sua veiculação. A censura fora a maneira utilizada de combater as oposições ao regime, já que tais posturas poderiam comprometer o desenvolvimento do projeto ideológico de Getúlio Vargas.

Todos os recursos e meios de comunicação foram utilizados para a campanha de mobilização econômica e desmobilização política. Havia controle direto sobre alguns veículos – jornais, estações de rádio e produtoras cinematográficas, que eram de propriedade do Governo. (17) Sobre os meios de propriedade particular, os contratos com o governo, a censura e a obrigatoriedade de divulgação e retransmissão de notícias e programas oficiais permitiam manter seu controle indireto (GARCIA, 1982, p.145).

A propaganda veiculada pelos principais meios de comunicação era realizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), assim como a censura, principalmente, à imprensa. A relação entre os jornalistas e Getúlio se dava de forma conflituosa, uma vez que, não concordavam com a abolição da liberdade de expressão estabelecida pela constituição de 1937. De acordo com tal constituição, a imprensa era obrigada a publicar os comunicados do governo. O DIP tinha por responsabilidade a centralização, a organização e a avaliação das propagandas nacionais.

A censura à imprensa se fazia através de comunicações verbais, geralmente por telefone, quando eram passadas as notícias que não poderiam ser divulgadas, que deveriam ser divulgadas nos limites da “versão oficial”, as que podiam ser divulgadas se comentários ou apenas com comentários favoráveis e aquelas de inserção obrigatória (GARCIA, 1982, p.159).

4.2 - A propaganda de incentivo ao Brasil na Segunda Guerra Mundial:

Posteriormente à declaração de estado de beligerância contra a Alemanha, no Brasil, não eram permitidas reportagens parciais em relação à guerra. Eram publicadas apenas pequenas notas que continham informações sobre o conflito. Tais notas tinham por função somente manter a população brasileira a par dos acontecimentos externos. Vale lembrar que, a posição brasileira manteria-se neutra no plano internacional até 1942. Portanto, emitir alguma nota em favor da Alemanha ou dos Estados Unidos não seria condizente com a postura de neutralidade adotada. Entretanto, algumas matérias foram publicadas em relação a influência germânica como sendo negativa, pois feria a ideologia de unidade nacional brasileira.

Devido a Política da Boa Vizinhança estabelecida entre os EUA e os países da América Latina, sobretudo o Brasil, se faziam presentes reportagens sobre o *American Way of Life*, por exemplo, referentes ao intercâmbio cultural realizado entre os norte-americanos e os brasileiros. A partir da declaração de guerra aos países do Eixo e o rompimento de relações com o mesmo, se permitiu a veiculação das notas parciais, que favoreciam aos Estados Unidos e das notas que se mostravam contra a Alemanha. Não eram permitidas as publicações que tivessem informações militares sigilosas. A seguir, ilustraremos as referências da propaganda política estadonovista a partir dos textos publicados nos jornais da época.

4.2.1 - Reportagem que se manifestava contra a Alemanha:

O BRASIL INJURIADO PELOS ALEMÃES

NOVAS E ESGMADORAS PROVAS DA INFILTRAÇÃO NAZISTA EM NOSSO PAÍS — A VERSÃO GERMÂNICA DO HINO NACIONAL — COMO SE REFEREM A NÓS OS "INTELECTUAIS" E OS "ECONOMISTAS" TOTALITÁRIOS — UMA COLEÇÃO IMPRESSIONANTE DE RECORTES DE JORNAIS, REVISTAS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Na entrevista que concedeu a *Zeitung* de 2 de março, este ano de 1906, o Reich Cobica O DIRETRIZES, e senhor Coelho de Sousa, ilustra secretário da Edu. Stockling provocou delirantes ênque no Rio Grande do Sul, de aplausos do auditório "porque correspondiam a uma necessidade de nacional", cuja explicação está consubstanciada no mensário "Preussische Jahrbucher", de janeiro de 1939, onde se lê:

"Nós temos um excedente anual de população que exige por um milhão de pessoas. O melhor partido que se pode tirar de nossa terra, o arroteamento de nossas pontonas e terras incultas, e o aperfeiçoamento de nosso agri-

perados à soberania germânica. Vê-se que o caso dos mapas não é uma invenção do presidente Roosevelt.

No mesmo ano, (veja "El Tiempo", de Buenos Aires, edição de 12-1-1906), o general Atend, de exército alemão, que serviu em Buenos Aires como instrutor militar de exército argentino, foi dispensado pelo presidente Roca, por questões de ordem moral. Atend, em discurso pronunciado em um "bund" partiu-se chamava e em atenção de seus compatriotas politicamente "a facilidade de colonizar a Patagônia, conservando os costumes e seus hábitos, costumes e sentimentos nacionais". Instamos por este tempo, o governo argentino apoderou-se de forte documentação sobre o projeto de invasão alemã, colida pelo embai-

lento de propiedade para o Brasil, como de preservação de caráter nacional alemão (Dusseldorf, 1906).

TRINTA ANOS DEPOIS

Esteve iniciado o caso do Colômbia. Em 1906, trinta anos mais tarde, apresentando um relatório ao Partido Nacional Socialista, na sua seção do estrangeiro, e Bureau de E. D. V. — Estações de Ferro Alemão, enviava e seguinte comunicação:

"A língua alemã é conservada nos colônias pelas sociedades locais, pelas agências de três grandes associações alemãs: pelas "Reichshilfe", com sede em Nuremberg, pelas "Hilfsvereine", com sede em São Leopoldo, pelas "Wandervereine" de Torgau. Pela imprensa é a única usada, e bem dizer, em Blumenau, Neudorf, Joinville, em São Bento em Dusseldorf, localidades onde a população dos alemães varia de oitenta a oitocentas por cento. Ainda mais late acentuado no região interiormente germânica do norte".

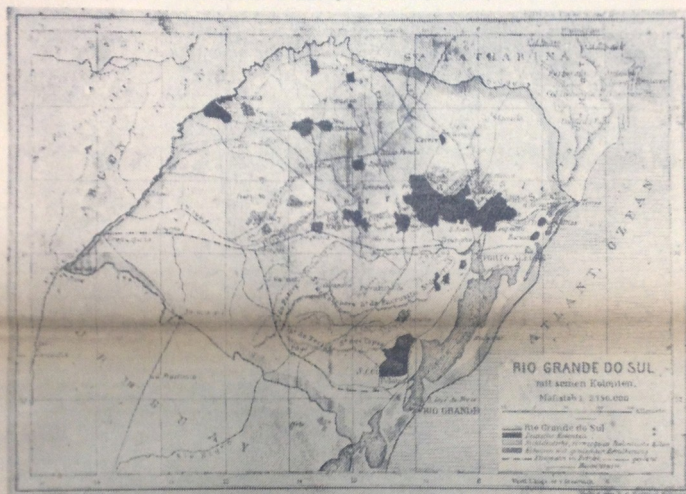
Numa outra circular enviada por várias vezes, entre os nomes de de Koenig, e de Hans Henning von Cossel, e de Koenig e de uma senhora Schade que várias vezes tem visitado e nosso país em misteriosas viagens, há grandes elogios interessados ao Brasil.

"Estes territórios oferecem um espaço suficiente, — diz a circular — para receber toda a imigração alemã na sua impenitência atual, para um período de tempo superior a cem anos. Em particular o sul do Brasil torna possível e garante a preservação da língua, costumes e educação alemã, visto como a sua população é relativamente pouco numerosa e ilustrada, para poder receber a imigração alemã da sua nacionalidade, ao mesmo tempo que o elemento alemão já tem adquirido aí uma poderosa situação. De fato, os milhares de alemães que atualmente residem nas províncias meridionais do Brasil, conservaram-se até hoje alemães, costumeiramente com os seus hábitos da América do Norte, que rapidamente tornaram-se à superioridade numérica dos anglo-saxões."

Sequemos elogios em clima e a outras condições favoráveis do sul do Brasil.

A "Gazeta da Colônia", reproduzindo trechos desta circular, propõe aos alemães a criação de "uma sociedade brasileira, que depois de numerosas indagações, seja em larga escala aquisição de terras apropriadas, etc. etc." A colônia de Santa Catarina parece oferecer uma especial atenção de Colonizadora. Fundada-se uma sociedade com o capital de três milhões de marcos, dividida em mil ações de três mil marcos, subscrita e para beneficiar da Colonizadora uma quantia avaliada. O jornal citava, em sua edição de 8 de setembro de 1908, publico o seguinte:

"Antes disso, de 4 de setembro, teve lugar em Dusseldorf uma importante reunião de associação, na qual foram aprovadas as planas acima mencionadas, assim como a nomeação de uma comissão (CONTINUA NA PAGINA 22)



Mapa do Rio Grande do Sul com a localização de todos os núcleos alemães espalhados pelo Estado. Este histórico documento tem mais de cinquenta anos e foi impresso na Alemanha

ma. As nossas palavras encontram plena e indiscutível confirmação no tremendo libelo do senhor Coelho de Sousa, fortíssimo documento.

Publicamos, a seguir, uma série de recortes de jornais e de livros, documentário que nos refere as próprias palavras sobre o plano de conquista da América do Sul, especialmente no que se refere ao nosso país.

A 1 de março de 1939, um economista alemão, J. Stockling, pronuncia uma conferência na Sociedade de Oeste para a colonização e a exportação, publicada no "Der Angriff" do dia seguinte, da qual extruímos o seguinte texto:

"Nosso fim, nosso alvo supremo, é elevar a Alemanha do papel de potência continental de uma potência, cuja influência se estende pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa pátria uma nação que abraça poderosamente a terra e exerça uma influência renovadora na civilização da humanidade".

Segundo o "Deutsche Allgemeine Zeitung", a melhor organização de nosso trabalho, não basta para assegurar a alimentação de um excesso de gente. Será preciso que então tiremos pelo caminho, a preço de sangue ou de dinheiro os colônias dos Estados europeus?

Segundo o "Deutsche Allgemeine Zeitung", a melhor organização de nosso trabalho, não basta para assegurar a alimentação de um excesso de gente. Será preciso que então tiremos pelo caminho, a preço de sangue ou de dinheiro os colônias dos Estados europeus?

Um oficial do exército alemão, Adolf von Couring, num livro que se pode comprar em qualquer livraria de Terceiro Reich e que em alguns países é distribuído gratuitamente pelos escritórios dos Estados de Ferro Alemão, afirma o seguinte:

"Nós existe política multilateral sem colônias: ou, Alemanha já é a pretense de-la cada vez mais, uma grande potência marítima. A Alemanha espatia, sem prejuízo

para si própria, o excesso de sua população pelo mundo inteiro: ("Jornal de Comércio", do Rio de Janeiro, de 11 e 13-1-1906).

Alguns meses antes, a "Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro, publicava em sua edição de 18 de setembro o seguinte texto:

"A Alemanha, desde por arrojados colônias, anexou os telegramas da Europa, os territórios do sudoeste da Patagônia, tomando posse deles na devida forma, devendo brevemente ser expedidas as respectivas comunicações às outras nações. Ora, se o dia do mister de permissão, bem pode isto dar uma segunda edição das Colônias".

A mesma "Gazeta" transcreve uma correspondência de Berlim para o "Jornal de Comércio" (12-12-1906):

"A Associação Comercial Alemã Deutsche Colonizadora, como conclusão das inquirições e explorações por ela subvencionadas na América do Sul, resolveu fundar uma Sociedade de Colonização para a América do Sul, cujo fim seria encaminhar a emigração alemã para terras onde haja condições e perspectiva,

Figura 1 - "O Brasil injuriado pelos alemães".

Fonte: Revista Diretrizes, nº 83, 1942.

A imagem acima ilustra uma matéria publicada na Revista Diretrizes em janeiro de 1942. A matéria retrata a denúncia por parte do secretário de Educação do Rio Grande do Sul, Coelho de Sousa, em relação a infiltração germânica no Brasil. O documento havia sido impresso na

Alemanha há mais de cinquenta anos. Vale lembrar que, o sul do país concentrava colônias europeias, sobretudo, as alemães. Nessa mesma reportagem está presente um mapa do Rio Grande do Sul e a localização dos núcleos alemães. A Alemanha visava projetar cada vez mais sua influência em colônias germânicas e as que estavam localizadas em solo brasileiro não se encontravam excluídas desse projeto.

Isso pode ser observado através das palavras do economista alemão, J. Stoeckling, presentes na matéria: *“Nosso fim, nosso alvo supremo, é elevar a Alemanha do papel de potência continental ao de uma potência, cuja influência se estenda pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa pátria uma nação que abrace poderosamente a terra e exerça uma influência renovadora na civilização da humanidade”*. Tais colônias possuíam seu próprio hino e como língua oficial o alemão, já que o sentimento nacionalista de seus habitantes era intenso. Entretanto, o sentimento nacionalista alemão contrastava com sentimento nacionalista brasileiro e com a ideologia do Estado Novo. Tal situação poderia comprometer a unidade territorial do Brasil, e isso era algo que Getúlio Vargas temia.

Após trinta anos da confecção do mapa, considerava-se que a população que não apresentava descendência alemã localizada na região sul, era menor do que a que apresentava e por isso, não ameaçavam a superioridade alemã, sobretudo, no Rio Grande do Sul. Além disso, o espaço físico era de agrado da comunidade germânica, pois acreditava-se que a imigração dos alemães iria aumentar em um determinado espaço de tempo e o espaço territorial os comportaria de forma satisfatória. Em detrimento ao que ocorreu nos Estados Unidos, uma vez que, a comunidade alemã existente sucumbiu a superioridade norte-americana. Por conta desses fatores, o Brasil configurava um alvo de expansão do império alemão.

Como foi supracitado, a matéria analisada foi publicada na Revista Diretrizes em janeiro de 1942, portanto, precedeu a declaração do estado de beligerância brasileiro. As matérias imparciais, ou seja, as que se posicionavam a favor dos Aliados ou contra o Eixo eram cerceadas. Porém, no ano de 1942, a aproximação entre Brasil e Estados Unidos já tinha sido estabelecida de forma mais consistente e os objetivos imperialistas por parte da Alemanha não eram interessantes para a política nacionalista instaurada no Brasil.

4.2.2 - Auxílio aos Aliados através da Política da Boa Vizinhança:



Figura 2 - "Como o Rio auxilia os Aliados".

Fonte: Revista Diretrizes, nº 83, 1942.

Acima temos a ilustração da matéria que se refere ao auxílio brasileiro aos Aliados, que foi publicada na Revista Diretrizes em fevereiro de 1942. Como foi citado ao longo desta pesquisa, os Estados Unidos estabeleceu com o Brasil uma política de aproximação política, econômica e cultural que atendeu por Política da Boa Vizinhança. Dentro desta reportagem, terá destaque a propaganda do *Carioca Cocktail 1941*. O *Carioca Cocktail 1941* foi um evento beneficente que visava angariar fundos, a fim de prestar socorro às vítimas da Segunda Guerra Mundial. A quantia

arrecadada pelo espetáculo seria enviada para a Cruz Vermelha Brasileira e para a Cruz Vermelha Inglesa, uma vez que, a Inglaterra fazia parte do grupo dos Aliados.

Nesta propaganda fica explícito um dos objetivos da aproximação entre EUA e Brasil: o intercâmbio cultural, que configuraria a troca de valores culturais norte-americanos e brasileiros, que mais tarde seria questionado, já que não era uma via de mão dupla, como havia sido estabelecido teoricamente, pois acreditava-se que havia a intensificação da cultura estadunidense no Brasil, mas não havia a intensificação da cultura brasileira nos Estados Unidos. A Política da Boa Vizinhança tinha como cerne a extinção da influência alemã da América Latina, sobretudo do Brasil, que mantivera relações estreitas com a Alemanha. Para alcançar o almejado, houve a massificação do *American Way of Life*, ou seja, o Modo de Vida Americano.

A inserção do *American Way of Life* significaria a inserção de novos hábitos de consumo e costume. Para tanto, houve a realização da Missão Rockefeller, onde ícones da cultura norte-americana, como Marlon Brando e Walt Disney vieram ao Brasil. O Zé Carioca, personagem principal do *Carioca Cocktail 1941*, foi idealizado por Walt Disney. Tal personagem foi criado como uma alusão ao povo brasileiro. Disney o teria criado como forma de demonstrar seu apreço pelo Brasil, porém, não foi pura e simplesmente isso, já que a Política da Boa Vizinhança em sua essência, visava garantir a hegemonia norte-americana no continente, e a Missão Rockefeller era um meio de alcançá-la. Porém, ao Zé Carioca foram atribuídas pejorativas, como a malandragem e a vagabundagem.

4.2.3 - Ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial:

TORPEDEADO UM NAVIO BRASILEIRO

O GLOBO

Quarta-feira, 18 de Junho de 1942

Duas vezes atingido por submarino alemão, o "Buarque" afundou em trinta segundos

Submergiu em chamas e pequeno do Lloyd - Ao largo da costa dos Estados Unidos a agressão - Um morto e uma pessoa desaparecida entre os 85 tripulantes e passageiros - Estavam bem visíveis as insígnias do Brasil




EDICÃO EXTRA

PARTIDO AO MEIO PELA EXPLOSAO DOS TORPEDOS!

O "Buarque" submergiu vertiginosamente, quase desaparecendo no redemoinho de escaldadas águas.

Estavam bem iluminadas as insígnias do Brasil

Um comunicado oficial

As notícias da queda do "Buarque" chegaram ao Brasil por meio de um comunicado oficial do Departamento de Guerra dos Estados Unidos. Segundo o comunicado, o navio brasileiro foi atingido duas vezes por torpedos alemães em 17 de junho de 1942, ao largo da costa dos Estados Unidos. O navio submergiu em chamas e se partiu ao meio. Um morto e uma pessoa desaparecida entre os 85 tripulantes e passageiros. Estavam bem visíveis as insígnias do Brasil.

Em chamas

Quando o "Buarque" foi atingido pelo primeiro torpedo, ele pegou fogo imediatamente. O fogo se espalhou rapidamente pelo navio, tornando impossível qualquer tentativa de salvamento.

O primeiro atentado depois do rompimento

O "Buarque" foi o primeiro navio brasileiro a ser atacado por um submarino alemão durante a Segunda Guerra Mundial. O ataque ocorreu em 17 de junho de 1942, ao largo da costa dos Estados Unidos.

Um desaparecido

Entre os passageiros do "Buarque" havia um brasileiro que ficou desaparecido durante o naufrágio. Seu nome é desconhecido.

Viajava para Nova York

O "Buarque" estava viajando para Nova York quando foi atacado. O navio estava cheio de passageiros e tripulantes.

No domingo o afundamento

O afundamento do "Buarque" ocorreu no domingo, 17 de junho de 1942. O navio estava a caminho de Nova York.

A agência alemã de notícias confirma o torpedeamento

A agência alemã de notícias confirmou o torpedeamento do "Buarque". Segundo a agência, o navio foi atingido por dois torpedos alemães.

Figura 3 - "Torpedeado um navio brasileiro".

Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Navios_brasileiros_afundados_na_Segunda_Guerra_Mundial>. Acesso em: 20 nov. 2012.

Brasileiros! No momento do perigo todos os brasileiros acorrem em defesa da Bandeira nacional, e eu estarei convosco, pronto para lutar, para vencer, para morrer.

GETÚLIO VARGAS

MUNICÍPIO DE PITANGUI

ÓRGÃO OFICIAL DOS PODERES MUNICIPAIS

Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda

Publica-se aos domingos

ANO XIV

Pitangui — Estado de Minas — Domingo, 30 de agosto de 1942

NÚMERO 20

O BRASIL EM GUERRA

Há uma semana que o Brasil, revidando insultos soezes à sua soberania, se declarou em estado de guerra contra os fibusteiros do eixo.

Há uma semana que a almeida nacional, contente consigo mesma, se deixou contaminar por um frêmito inconsciente de sadio entusiasmo cívico por uma onda crescente que repulsa aos piratas desgovernados que se aproximaram das nossas costas para, mais do que nunca, poder

O Brasil, florão da América pelo brado do seu bravo generalíssimo Getúlio Vargas, como um só homem, está de pé.

De pé como sempre, assombrando o mundo pela sua unidade espiritual e pelo sentido de vigilância.

As nações jovens da Pan-América, num gesto de fraternidade continental, se apressaram em trazer nos a certeza da sua solidariedade.

Praca Governador Valadares com a execução pela banda de música de Cardozos do Hino Nacional. Estavam presentes todas as autoridades e pessoas gradadas do município, além de uma colossal massa popular. Podemos afirmar, sem exagero, que ali compareceu toda população de Pitangui.

(Continua na 2ª página)

BIBLIOTECA

Frequência semanal:

Adultos do sexo masculino, 31.
do sexo feminino, 90—total 121.
Crianças do sexo masculino, 8;
do sexo feminino, 6—total, 14.

Obras consultadas:

Generalidade, 3. Teologia, 3.
Filologia, 3. Ciências Puras, 1.
Literatura, 124. Geografia e
História, 9. Total—143.

deira, mas vibrante de sons de hinos marciais, de vivas aos nossos governantes e ao Brasil.

A manifestação do dia 24

No dia seguinte toda a juventude pitanguiense, representada pelos alunos dos Grupos Escola Normal e Instituto N. S. de Lurdes, organizaram uma recepção festiva aos rapazes de Maratona que regressavam de Pará de Minas, onde foram disputar diversas partidas esportivas. Às 13 horas, entre vivas e aplausos saía da estação da R. M. V. a juventude pitangui-

MISSA CAMPAL

Figura 4 - "O Brasil em Guerra".

Fonte: Disponível em: < <http://daquidepitangui.blogspot.com.br/2011/10/repercussao-da-segunda-guerra-mundial.html>>. Acesso em: 20 nov. 2012.



Figura 5 - "O Brasil precisa de 20.000 enfermeiras!"

Fonte: Revista Diretrizes, nº 83, 1942.



Figura 6 - "Apêlo à mulher brasileira".

Fonte: Revista Diretrizes, nº 83, 1942.

As quatro imagens acima publicadas respectivamente no jornal Município de Pitangui em agosto de 1942, no jornal O Globo do mesmo mês e ano e na Revista Diretrizes em fevereiro de 1942. A primeira imagem, como podemos notar, retrata o torpedeamento dos navios brasileiros pelos alemães. A investida do Eixo contra as embarcações brasileiras foram cruciais para o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial. No dia 15 de agosto, como datado na reportagem, dois navios foram afundados por submarinos alemães. As embarcações foram torpedeadas e partidas ao meio, resultando na morte de quinhentas e cinquenta e uma pessoas, como citado no capítulo anterior.

Já no jornal Município de Pitangui foi anunciado o ingresso do Brasil no conflito. Pode-se observar o registro do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e sua datação consta como sendo feita no dia 30 de agosto de 1942, ou seja, duas semana após a primeira investida e uma semana após a declaração do estado de beligerância brasileiro. A matéria é escrita de forma que a figura do presidente Vargas seja enaltecida, demonstrando a reverência a sua pessoa: "*O Brasil, florão da América pelo brado do seu bravo generalíssimo Getúlio Vargas, como um homem só, está de pé*". Foi retratada a coragem do Brasil e de seu líder e tal abordagem pode levar a interpretação

de que, apesar do atentado, o povo brasileiro se mantém unido e pronto para trabalhar junto a favor da nação. Vale lembrar que, a leitura a cerca dessa matéria está calcada na ideologia nacionalista da época.

A duas últimas imagens ilustram a capa da Revista Diretrizes e a reportagem referente a mesma. Nessa reportagem é retratada a necessidade da contratação de enfermeiras em prol da defesa da pátria. O título atribuído a capa e a reportagem da revista dão uma ideia de urgência, ou seja, quanto mais cedo e mais enfermeiras forem recrutadas, mais chances de proteger a nação se teria. Como sugere o título da reportagem, é feito um apelo à mulher brasileira e o método de persuasão utilizado é engrandecimento de seu potencial e a conscientização de seus deveres como cidadãs: *“A enfermeira técnica, cuja a ação é preciosíssima em momentos de perigo de vida, não pode ser desviada dos postos de graves responsabilidades nas organizações sanitárias de campanha”*. (...) *“Toda mulher brasileira, capaz de dar um pouco de seu vigor físico, tem obrigação, é seu dever, vir alistar-se nas fileiras da enfermagem – como auxiliar voluntária das enfermeiras. E as que puderem, devem ingressar na Escola de Enfermagem, para o curso regular, afim de possuir o Brasil um corpo bem maior de técnicas”*.

Desta maneira, podemos perceber o quanto estava articulada a estratégia política da propaganda do Estado Novo quanto os objetivos do Brasil em participar do esforço de guerra ao lado dos Aliados. Para que ambas tivessem sucesso foi necessário criar um consenso nacional através da propaganda, a fim de convencer a população de que o país tinha uma missão muito importante a realizar em nome dos ideais de liberdade e paz da humanidade.

4 - CONCLUSÃO:

“Quando não há guerra, é entreguerras, é pré-guerra, é pós-guerra, mas sempre mobilização em torno na da guerra” (CYTRYNOWICZ, 2000). Todo e qualquer tipo de guerra, seja civil ou mundial, independentemente, das proporções transformam a conjuntura política, econômica e social existente, e como foi visto ao longo da pesquisa a Segunda Guerra Mundial não diferente. Considerado o maior acontecimento do século passado, a Segunda Guerra Mundial mobilizou todo o globo e modificara a vida de milhões de pessoas de forma permanente, não obstante ao contexto do Brasil.

No período entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o Brasil percebeu que deveria impulsionar o crescimento de sua economia e que isso não seria possível somente com as atividades voltadas para a agricultura, uma vez que, se fazia necessária maior expressividade do setor industrial. Porém, o país não tinha como, sozinho, prover a construção de um complexo siderúrgico. Vale lembrar que, a produção do aço estimularia o crescimento de outros setores da economia nacional, já que era um produto de base, por conseguinte utilizado na confecção de outros produtos. Como foi dito anteriormente, o Brasil não tinha capital suficiente para a prover a construção da siderúrgica, ou seja, necessitava de investimento estrangeiro. Em busca de tal investimento, Getúlio Vargas, aproximou-se da Alemanha e dos Estados Unidos e estabeleceu a Política de Barganhas.

Durante esse período, a Alemanha tomava uma notável projeção mundial e isso se refletira no nas colônias localizadas na região sul do Brasil, por abrigar imigrantes de origem germânica. Com ascensão do partido nazista, sobretudo, que visava aderir mais áreas de influência, a comunidade aqui presente estabelecera um núcleo do mesmo, a língua oficial era, para eles, o alemão e havia festas típicas, como forma de manifestação cultural. Posteriormente, esse quadro desagradaria Vargas, pois a postura dos imigrantes não condizia com os ideais nacionalistas brasileiros. Como medida de prevenção territorial, as manifestações passaram a ser cerceadas, o ensino da língua portuguesa tornara-se obrigatório e o núcleo do partido nazista fora extinto.

No período precedente a Segunda Guerra Mundial foram estabelecidos fatores que propiciaram o acontecimento da mesma. A abertura da economia norte-americana no plano internacional, fez com que a Crise de 1929, essencialmente, estadunidense se alastrasse pelo mundo. O colapso do sistema capitalista levou aos demais países a adotarem a política de intervenção do Estado na economia e também na vida política. Por conta disso, os regimes autoritários e/ou totalitários projetaram-se fortemente. Nesse contexto o Brasil mantinha relações ambíguas com a Alemanha e EUA, dessa forma, estabelecia uma postura neutra.

Ainda no contexto do pré-guerra, os Estados Unidos, firmaram a Política da Boa Vizinhança

com os países da América Latina, onde se buscava a hegemonia norte-americana, a extinção da influência europeia e sua proteção em caso de ataque inimigo. Uma vez que, as tensões eram cada vez maiores e a possibilidade de uma investida contra a América não era remota. A consolidação da guerra ocorreu com o ataque alemão à União Soviética (URSS) e a Pearl Harbor, nos EUA. A partir disso, cabia ao Brasil a tomada de partido ou do lado alemão ou do lado norte-americano. Como relações mais consistentes já haviam sido estabelecidas entre o Brasil e os EUA, até mesmo por conta da influência cultural, a postura brasileira, gradualmente, pedia para o lado dos Aliados.

O Brasil deixara de lado sua neutralidade com o ataque alemão às embarcações brasileiras, que resultou em centenas de vítimas. Até mesmo a população mobilizou-se em prol da entrada do país no conflito. Antes da investida alemã contra o Brasil, a população clamava pelo ingresso do país junto aos Aliados. Tais manifestações concentravam-se mais na região nordeste por dois motivos: a instalação das bases aéreas e navais norte-americanas, por conseguinte sofriam maior influência dos EUA e porque as forças repressoras estavam mais concentradas na região sudeste, pois a capital do país na época, era o Rio de Janeiro. Ao fim do conflito, os Aliados saíram vitoriosos e o Eixo derrotado.

No pós-guerra, no que concerne ao plano internacional, consolidara-se a Guerra Fria que configurava o um conflito político-ideológico entre Estados Unidos, com políticas de cunho capitalista e União Soviética com políticas de cunho socialista. Durante tal conflito o mundo ficou dividido entre as duas grandes potências da época: ocidente capitalista *versus* oriente socialista. Já no plano nacional, após a Segunda Guerra Mundial queria-se a vigência de um regime democrático. É nesse contexto que a censura é abolida, são realizadas eleições presidenciais e o Estado Novo tem seu fim. Temos que, a veiculação de notícias, sobretudo pela mídia impressa levou a colaboração do povo para o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, uma vez que, através das informações transmitidas a população tomara consciência da situação e assumira uma postura. Além disso, houve investimento norte-americano na construção da Companhia Siderúrgica Nacional, ou seja, iniciara-se o processo de modernização da economia nacional. O ingresso do Brasil na Segunda Guerra, por conseguinte propiciou o fim da ditadura varguista e deu início a um regime calcado na democracia.

REFERÊNCIA:

- ALVES, Vágner Camilo. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora PUC-Rio, 2002.
- CORSI, Francisco Luiz. Estado Novo: política externa e projeto nacional. 1 ed. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1999.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra Sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. 1 ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FALCÃO, João. O Brasil e a 2ª Guerra: testemunho e depoimento de um soldado convocado. 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- FERRAZ, Francisco César. Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar, 2005.
- GARCIA, Nélon Jahr. Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Loyola, 1982.
- MOURA, Gerson. Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1980. pp. 135-172.
- MOURA, Gerson. Sucessos e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- MOURA., Gerson. Tio Sam Chega ao Brasil. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1984.
- PEREIRA, Victor Hugo apud PONTES, Geraldo. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora: De Letras, 2008.
- Revista Diretrizes – nº83 – 131 – Janeiro – Dezembro de 1942.
- OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Política Externa Brasileira. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2005. pp. 55-72.
- TOMAIN, Cássio dos Santos. "Janela da Alma": Cinejornal e Estado Novo - Fragmentos de um Discurso Totalitário. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2006. pp 184-255.
- TOTA, Antonio Pedro. O Estado Novo. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense s.a., 1987.
- TOTA, Antonio Pedro. O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. 1 ed. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 2000.

